



Pela manhã, bem cedo, Collor sai para seu comitê: agora, selecionar adesões, que deverão vir naturalmente

Collor suspende acertos e Lula procura Brizola

Enquanto o candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, conseguiu marcar, num telefonema muito amistoso na tarde de ontem, seu encontro com Leonel Brizola sábado, no Rio, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, optou estrategicamente por um congelamento provisório em suas negociações para conquistar o apoio da centro-esquerda no segundo turno. É muito delicada para Collor nesse momento a questão das adesões: muitos dos que estão na final para seguir a trilha **collorista** devem ser recebidos, mas sem estardalhaço: empresários, políticos e partidos identificados com o velho regime. Por outro lado, não vêm dando frutos suficientes para anunciar uma colheita as tentativas de aproximação com o PDT e o PSDB, por exemplo.

Ao contrário, duas tentativas nessas direções disparadas pelo líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros, foram pouco animadoras, a ponto de prejudicar a idéia **collorista** de um governo de coalizão nacional. Renan conversou com Franco Montoro, presidente do PSDB, e com o deputado pedetista Noel de Carvalho. Mas tais negativas estão longe de tirar o ânimo da equipe de Collor, principalmente no que diz respeito aos **tucanos**, que formam um partido com muita semelhança em relação às propostas do PRN, conforme entendimento do empresário Paulo Octávio, coordenador da campanha do candidato em Brasília. Na mesma tecla insiste o

deputado Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP), que considera a tentativa de chegar ao ninho dos tucanos "apenas uma sinalização".

Quanto às adesões a Collor que não interessam anunciar — além dos empresários da Fiesp, com o cuidado de rejeitá-las publicamente — o caso do PDS é típico. Será uma adesão "implícita" na medida em que interessa a Collor a sugestão do prefeito de Florianópolis, Espiridião Amin, de que os entendimentos se fizessem a nível do município. Nesse caso, Delfim Netto, o presidente de partido e político estigmatizado pela sua participação nos governos militares, não aparecerá. Mesmo com as negociações "suspensas", ou correndo "livremente" como pregam os assessores de Collor, as iscas do PRN continuam a ser lançadas em direção ao PMDB, na figura do governador de São Paulo, Orestes Quércia, e outra ao PDT, desta feita ao ex-prefeito de Porto Alegre, Alceu Collares.

No próximo sábado Lula finalmente terá um encontro com Brizola, depois de ficar alguns dias encabulado com a proposta do próprio Brizola — e que encabulou os próprios pedetistas — de que o candidato da Frente Brasil Popular renunciasse a favor de uma candidatura de união em torno do candidato **tucano** Mário Covas. No domingo haverá convenção do PDT e a questão do apoio a Lula será colocada por Brizola. Lula cobrará, então, do candidato derrotado sua promessa de que o apoiaria no se-

gundo turno. O espólio eleitoral de Brizola, se passível de ser transferido (há um sentimento forte na militância pedetista contra isso), será decisivo para Lula vencer no Rio. Ou o próprio Collor, hipótese mais remota. Ainda que Brizola tenha lhe prometido receber "de braços abertos", Lula pretende esclarecer com o engenheiro sua proposta de união com Covas. "É a primeira vez que ouço um absurdo deste — frisou Lula — quem ganhou, desistir em favor de quem perdeu". E vaticinou: "Ou Lula, ou Collor, ou abstenção".

O presidente do PSDB, Franco Montoro, também foi procurado por líderes do PT, do PC do B e do PSB: "ficou de estudar o assunto", resposta que também não foi das mais conclusivas. Mas Lula mostrou-se otimista com o "sinal verde" de Montoro e espera que seu encontro com Mário Covas "seja o mais rápido possível". Bem mais aberto estão os caminhos em direção ao apoio do Partido Comunista, já declarado Roberto Freire, com quem Lula terá em breve um encontro. No encontro com Brizola, Lula vai acompanhado pelo deputado Luiz Gushiken e pelo líder do partido na Câmara, deputado Plínio Arruda Sampaio. Lula tem o apoio quase unânime da bancada federal do PDT, que estranha, no entanto, a lentidão das negociações, chegando a aventar até mesmo a hipótese de que o PT prefira perder para se tornar forte oposição a Collor. Páginas 2, 3 e 8